

LÍNGUA E DISCURSO: À LUZ DOS MONÓLOGOS DA CRIANÇA

MARIA FRANCISCA DE ANDRADE F. LIER-DE VITTO
PUC-SP¹

"O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de seu retorno"
Michel Foucault²

As considerações que vou tecer sobre língua e discurso decorrem da interpretação a que cheguei na elaboração de minha tese de doutoramento³ que teve como tema os monólogos da criança, tema que foi introduzido na área da Aquisição da Linguagem por Ruth Weir em 1962.⁴ Esclareço, de início, que a minha análise foi desenvolvida a partir de uma posição interacionista, conforme proposta por Claudia Lemos. A própria natureza do assunto – os monólogos da criança – e a qualidade do material empírico que com ele se compõe sugerem que se tome um atalho, um desvio relativamente à questões ligadas à língua e ao discurso e à tradição de pesquisas em Aquisição da Linguagem. Tradição que reflete o teor da relação da área com a lingüística que não é outro senão aquele que a tem configurado como área de aplicação. Tradição que reflete também a natureza de sua relação com a Psicologia no que concerne ao sujeito e, muitas vezes, às questões ligadas à significação.

Enquanto "assunto", os monólogos põem em cena o **discurso** – um desafio para os pesquisadores. Enquanto "material factual", eles criam dificuldade porque complicam a tendência consolidada que é a de procurar nas produções da criança evidências de uma estruturação sentencial progressiva.⁵ Esse modo de abordar os dados tem, na verdade, delineado a "tarefa" ou perfil do investigador da aquisição da linguagem.

Os monólogos criam uma dupla dificuldade, portanto: a de que se incluam o **discurso** e o "resto" **agramatical e assistemático** nas análises.

¹ Divisão de Educação e Reabilitação de Distúrbios da Comunicação

² Foucault, M. (1970). "A Ordem do Discurso". Aula Inaugural no Collège de France (tradução de Sírio Possenti)

³ Lier-De Vitto (1994) *Os monólogos da criança: Delírios da Língua*. Tese de doutoramento, UNICAMP.

⁴ Ruth Weir (1962) *Language in the Crib*. The Hague, Holanda: Mouton & Co.

⁵ Incluo, em anexo, alguns fragmentos de monólogos no berço para que o leitor seja apresentado e possa se familiarizar com essa modalidade de produção de crianças.

Não quero dizer com isso que tais dificuldades tenham sido enfrentadas pelos estudiosos da linguagem da criança. Muito pelo contrário, o que sempre se observa é a reprodução de uma mesma modalidade de análise, independentemente da especificidade do material em questão: monólogos ou diálogos, orais ou escritos, podem servir-lhe de palco. Qualquer que seja a natureza do dado, pelo viés da "aplicação", ele acaba definido como um conjunto de sentenças geradas pelas leis combinatórias que regulam as composições aceitáveis e previsíveis da estrutura linguística. O que escapa ao representável pelo modelo descritivo adotado é descartado, "higienizado", em expressão de Cláudia Lemos.⁶

Desse modo, o que fenomenologicamente se apresenta como heterogêneo numa análise que acaba diluindo, no universal das categorias e regras, especificidades que as produções tortuosas da criança mostram. É uma análise que visa a por ordem na desordem. A "higienização" dos dados decorrentes desse tratamento do material reduz (invariavelmente) a pluralidade das manifestações de linguagem ao limite imposto pelo objeto da linguística, definido por propriedades formais e estruturais. Importa para os pesquisadores registrar, no **comportamento verbal** da criança, aquilo que é interpretado como marcas reveladoras da aquisição de categorias e/ou de sua articulação estrutural – ambas assumidas como indicadores, seja da atualização de um conhecimento prévio, seja de progressos da aprendizagem das regras da língua.⁷

A primeira objeção que faço diz respeito exatamente a esse procedimento de análise. As aplicações ignoram a **relação assimétrica** que se institui entre dados e objetos teóricos, como assinala Milner (1989: 574). Objetos teóricos *"tematizam o que há em comum entre os dados"* (idem, ibidem). São "tipos abstratos" forjados a partir da **eliminação de ocorrências irregulares**. Isso porque entidades teóricas devem atender aos critérios de constância e generalidade. Percorrer o caminho inverso (que é o da aplicação) esbarra numa impossibilidade porque implica negar a própria natureza do resultado de uma operação de abstração, a qual é constitutiva de uma representação. Quero dizer que **não se pode simetrizar a relação entre dado e objeto teórico**, porque eles são entidades de natureza heterogênea. As aplicações reduzem "dados" a "exemplos", e exemplos apenas confirmam localmente uma predição. Eles não esgotam, contudo, a pluralidade das ocorrências que não respondem a predições.

A ingenuidade dos pesquisadores da aquisição da linguagem está em que supõem, via aplicação, descrever o acontecimento, o dado. Dito de ou-

⁶ Ver Cláudia de Lemos (1982), "Sobre Aquisição da Linguagem e seu Dilema (Pecado) Original". *Boletim da ABRALIN*, 3 (97:126). Recife, PE: Editora Universitária da Universidade Estadual de Pernambuco.

⁷ Para uma discussão mais ampla desse assunto, ver C. de Lemos (1986) "Interacionismo e aquisição de Linguagem", *Revista Delta*, 2 (231:248). São Paulo, SP: Editora da PUC-SP.

tra forma, os pesquisadores têm a ilusão de que "dado" e "objeto teórico" são entidades simetrizáveis. Não consideram a assimetria radical que separa **estrutura lógica e estrutura do acontecimento** (Milner, 1989). Assimetria, aliás, explicitamente assumida por Chomsky ao recusar o uso como material empírico. Para ele, como diz Ducrot (1982: 59), *"uma língua é uma coisa completamente diferente de um corpus"*.

Um dispositivo teórico gera **sentenças possíveis** – não factuais. A lógica de um dispositivo visa a representações ao infinito, a predizer uma possibilidade: não há relação de casualidade primária (de relação um a um) entre regra e dado. Na lógica de um dispositivo, a causalidade é explicativa, ou seja, interna a ele e diz respeito unicamente à relação entre objetos teóricos. A **lógica desse funcionamento** gera sentenças possíveis e admissíveis: o virtual que aí se inscreve deve responder pelo poder da linguagem de tornar possível uma infinidade de enunciados.

Em Aquisição de Linguagem, dado é **corpus**, ou seja, conjunto de enunciados efetivamente produzidos e assumidos como passíveis de descrição. Mas, no caso da aquisição de linguagem, nem tudo que é efetivamente produzido é passível de descrição.⁸ Nos monólogos, os pesquisadores (Weir, 1962; Kuczaj, 1993; Gerhardt, 1989)⁹ procuram registrar "estruturas já padronizadas" e diferenciar monólogos de diálogos a partir da caracterização de que tipos de "padrões" são mais frequentes em uma e outra manifestação discursiva. São, portanto, trabalhos submetidos, em expressão de Paul Henry (1990: 29), à *"dominação teórica da frase"*, submissão decorrente do gesto de aplicação.

Não será por acaso, como se pode ver, que a definição de discurso que deriva desse estado de coisas será meramente quantitativa. Discurso será uma unidade maior que a sentença, porque esta última está concernida. É unidade maior porque maior é o número de sentenças que se articulam em torno de um **tema**. Note-se que o "temático" que aí é introduzido deveria prenunciar problemas, uma vez que remete à problemática da significação, do sentido, descartada nas análises de natureza estritamente categorial dos monólogos. Problema que é frequentemente remetido ao domínio cognitivo assumido como independente do linguístico. Como consequência, tem-se análises meramente conteudísticas que não respondem pelo modo de produção dos sentidos.

⁸ Pelo menos de descrição positiva. Lúcia Arantes (1994) "O Fonoaudiólogo, esse Aprendiz de Feiticeiro", falando sobre a avaliação de linguagem na Fonoaudiologia, diz que o que se chega a fazer é uma "taxonomia às avessas" já que se elenca o que o paciente "não faz", "não produz". Em Aquisição de Linguagem, fala-se do que a criança "ainda não faz", "ainda não adquiriu/aprendeu".

⁹ Kuczaj, S. (1983) *Crib Speech and Language Play*. Nova York: Springer-Verlag. Gerhardt, J. (1989) "Monologue as a Speech Genre", em K. Nelson (ed.) *Narratives from the Crib*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

Marco aqui a minha segunda objeção. Tais análises se atêm à superfície textual em que os monólogos são vistos como evocações de experiências ainda mal representadas. Incoerência e inconstância correm por conta disso. Nesse caso, coerência torna-se questão de verossimilhança, cujo ponto de referência é um original experiencial perceptivo, como diz Kostenbaum (1993).¹⁰

Nelson (1989), por exemplo, dirá que as falas noturnas e solitárias das crianças expõem o desenvolvimento da forma narrativa, um progresso sustentado pela expansão da memória episódica. Monólogos são, então, **pronarrativas** porque têm sua seqüenciação e ordenação ainda comprometidas. São produções que correspondem, como diz, aos primórdios do estabelecimento da relação entre a linguagem e o pensamento. Melhor dizendo, ao momento em que a linguagem é posta a serviço da experiência, momento em que "the form serves the content" (1989:16). Segundo a pesquisadora, a criança não consegue ainda **traduzir** muito bem representações de atividades rotineiras. Se tradução é problema da linguagem, deve-se dizer que ela é um acessório precário porque incapaz de "ler" as representações e interligá-las em "frases e orações". Assim, o trabalho da linguagem será (apenas) o de mapear roteiros elaborados no plano interno e, como sua aquisição está sempre um passo atrás da organização cognitiva, ela desempenhará ainda mal esse papel. Note-se que a linguagem é, nesse enquadre, teleguiada por uma arquitetura que lhe é analógica, anterior e interior, o que significa dizer que ela não tem qualquer participação na produção do sentido.

Na falta de um discurso sobre o discurso, os pesquisadores, além de investirem na apreensão de "formas no discurso", fazem equivaler discurso a texto de um falante. Discurso é, nesse caso, como diz Pêcheux (1988:91),¹¹ uma unidade maior, "uma maneira individual 'concreta', de habitar a 'abstração' da língua". O falante – a criança – emerge como um **agente** que organiza os acontecimentos que deseja narrar. É alguém que toma distância cognitiva dos eventos para apreciá-los e depois representá-los "do seu jeito" na linguagem. É um sujeito que antecipa e prepara seu dizer. Assim, subjetividade deve ser entendida como instância de unificação das representações. Acompanho mais uma vez Pêcheux (1975b: 176)¹² para dizer que trabalhos dessa ordem não conseguem afastar nem "a ilusão da referência invariante", nem a da sintaxe como "domínio neutro de

¹⁰ Kostenbaum, A. (1993) *Sobre a Narrativa do Sonho*. Tese de doutoramento (inédita). UNICAMP. Convém assinalar que na linha de frente estão a percepção e a cognição.

¹¹ Pêcheux, M. (1991) *Semântica e Discurso: uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Editora da UNICAMP.

¹² Pêcheux, M. (1975b) "A Propósito da Análise Automática do discurso: Atualização e Perspectivas", em F. Gadet e T. Hak (orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP.: Editora da UNICAMP, 1990.

regras puramente formais". Quer dizer, não afastam a ilusão de um externo organizado e apreensível.¹³ Em trabalhos como esses, "torna-se o imaginário como real [e] tem-se a impressão – a sensação, a percepção – de que se vê e se diz o real, a verdade..." Payer (1992:27).¹⁴

Com base nessa ilusão – da qual os estudiosos dos monólogos não escapam – coerência textual torna-se uma questão de "verossimilhança", de fidelidade a um referente experiencial e/ou representado, como disse acima. Ajustável a esse modo de lidar com o problema da significação é a concepção de linguagem enquanto sistema estratificado cujas propriedades e regras são estáveis (constantes e gerais): condição que satisfaz a possibilidade de serem aplicáveis a conteúdos elaborados nos domínios perceptivo ou cognitivo.

O que se observa, via de regra, nas análises dos monólogos são (1) uma concepção de língua enquanto um conjunto de estruturas distribucionais padronizadas – bem em acordo com o modelo proposto pelo estruturalismo americano e (2) uma noção de discurso enquanto unidade extensional e temática. A relação entre língua e discurso resta desproblematizada porque, de um lado, na noção de discurso a unidade da língua está concernida (como já disse) e, de outro lado, a questão do sentido é remetida a um outro domínio, o cognitivo. Disso decorre que, no que tange à questão ontogenética relativa à relação língua – discurso, tudo parece resolver-se pelo viés da teleologia língua ---->> discurso, quer dizer, da aquisição de um "sistema formal subjacente" assumido como anterior à habilidade de interligar frases e orações, anterior ao desenvolvimento de formas discursivas. Anterioridade que lhe garante autonomia em relação ao sentido mas que uma manobra extravagante acaba por comprometê-la. A linguagem fica, num segundo tempo, a serviço de um conhecimento, de uma vontade. Teleologia motivada, como diz Cláudia Lemos (a sair), pela oposição conhecimento-uso.¹⁵ Oponho-me também a essa teleologia.

A concepção de língua que norteia minha análise não é a de língua enquanto sistema estratificável, a de um objeto que, no caso da aquisição da linguagem, possa ser considerado como contemplável e cujas propriedades possam ser apreendidas por um sujeito que o examina "do lado de fora"¹⁶ e que depois de se internalizar/conhecer suas regras e propriedades pode usá-lo para expressar conteúdos "do seu jeito". Deixo antever que

¹³ Um externo "puramente natural", cuja disposição é visível para a criança. Um externo acessível e desligado da linguagem.

¹⁴ Payer, M. O. (1992) *Reprodução, Confrontos e Deslocamentos de Sentidos. A Prática Discursiva da Educação Popular no Meio Rural*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.

¹⁵ Ver Lier-De Vito (1994) *Os Monólogos da Criança: Delírios da Língua* – tese de doutoramento – UNICAMP.

¹⁶ Ver C. Lemos (1986) "Interacionismo e Aquisição de Linguagem". *Revista Delta*, 2, São Paulo, SP: Editora da PUC-SP.

desse deslocamento relativamente à noção de língua que permeia os trabalhos sobre os monólogos, outros, – que dizem respeito ao sujeito e ao discurso – decorrerão.

O que pode observar nos monólogos foi outra coisa: não uma criança contemplativa diante da linguagem e em controle de suas produções mas o movimento da linguagem nela.¹⁷ Observação que se contrapõe ao que se disse sobre eles. Os monólogos têm servido para registrar o momento em que a criança fica "fora da comunicação" e "diante da linguagem". Ou seja, distante do outro e "livre das pressões comunicativas" diz-se que ela ficaria em posição de poder praticar para aprender. Desconcertante é que deve aprender o que não pode "ver/ouvir".¹⁸ Acreditam os pesquisadores que será por raciocínio indutivo que a criança passará do fato à lei – ao conhecimento de propriedades e regras da linguagem. Para eles, nos monólogos a criança ultrapassaria o momento do "usar sem saber" e atingiria o de "saber sobre" a linguagem. Pode-se dizer, então, que os monólogos representam, no interior de uma visão de desenvolvimento fortemente vinculada a uma teoria de aprendizagem, o momento em que a linguagem se apresenta como objeto-coisa para um sujeito-centro da apreensão desse "objeto".

Entretanto, essas manifestações lingüísticas podem deixar a descoberto o "descontrole" da criança sobre a linguagem e sobre o sentido do que diz. Isso sob a condição de que se mantenham intocadas – presentes – as produções "não exemplares" (os "erros") e as imitações. Estas últimas sistematicamente excluídas porque consideradas como "citações", ou seja, como meras cópias de enunciados do interlocutor não revelando, portanto, o conhecimento da criança sobre a linguagem. Quer dizer, sob condição de que se mantenha a integridade do material que, por esse gesto, se transforma em espaço de interpretação (não de aplicação).

Sob tal condição pode-se observar que fragmentos congelados circulam maciçamente no dizer da criança, revelando a dimensão constitutiva do discurso e do diálogo¹⁹ porque ali aparece o outro nas palavras "já ditas" que ela diz. Nos monólogos, a voz da criança é lugar em que se tecem tramas das relações e dos sentidos/não sentidos. Por isso é que afirmo que

¹⁷ Sobre isso ver Cláudia Lemos (1994) "A Noção de Desenvolvimento como Obstáculo ao Estudo da Aquisição da Linguagem". Mesa Redonda no Fórum Inter GTs do IX Encontro da AN-POLL e, também, Lier-De Vito (1994) *Os Monólogos da Criança: Delírios da Língua*. Tese de doutoramento, UNICAMP.

¹⁸ Sobre crítica às Teorias de Aprendizagem, ver Chomsky (1959), Fodor (1979) e, também, Lier-De Vito (1994).

¹⁹ Importante assinalar que não se trata de um outro empírico e sim de um outro enquanto lugar de funcionamento ou, segundo Cláudia de Lemos (1992): "enquanto discurso ou instância de funcionamento da língua constituída". Diálogo deve então ser remetido ao funcionamento da linguagem sobre a linguagem. O que a criança diz é submetido a um "funcionamento lingüístico-discursivo", em expressão da autora acima referida.

a criança não está diante da linguagem mas que a linguagem acontece nela. Nos monólogos observa-se um movimento. Movimento que implica ao mesmo tempo língua e discurso, que não isola esses termos em dois polos de uma teleologia. Quando uma criança produz um som, o outro toma essa produção como um "dizer" dirigido a ele e, ao interpretá-lo assim, o remete a uma zona discursiva e o insere numa rede de formas e de sentidos ao articulá-lo num texto. Som que é transformado e capturado numa cadeia significante. Dela a criança toma "pedaços" e "pedaços" que serão reinterpretados, rearticulados nos enunciados do adulto: deslizamentos que caracterizam a dialética da linguagem sobre a linguagem. Dialética responsável pela ilusão que se tem de que a criança está em controle de suas produções. Ilusão que se perde nos monólogos. Neles ela fica com palavras, com "pedaços" e sem a força estruturante da interpretação do outro.

Falar em movimento/funcionamento inviabiliza, por outro lado, a demarcação de um princípio, de um "marco zero" a partir do qual se possa traçar uma seqüência de aquisições. Os produtos de um funcionamento não são ordenáveis numa sucessão de estágios ou etapas, como diz Cláudia Lemos.²⁰ O equívoco maior das noções de aprendizagem e de desenvolvimento está em suporem que se pode homogeneizar numa seqüência cronológica a heterogeneidade cambiante e contraditória dos efeitos do funcionamento da linguagem, de seus produtos.

Vê-se que relação língua a funcionamento, nos moldes propostos por Jakobson (1960)²¹ e funcionamento que opera, como diz P. Henry (1992: 163), "pelo viés de formas e substâncias", que opera sobre "restos metomínicos" de textos historicamente instituídos presentificados no dizer do outro. "Histórico" deve aqui se entendido enquanto "anterioridade lógica", não teleológica. Quer dizer, "histórico" no sentido de "algo que fala sempre antes em outro lugar", como diz Pêcheux (1975:162). Presença perene, sem começo, um "sempre já aí".

Nos monólogos observam-se os efeitos do diálogo. O que se presentifica na voz da criança são "pedaços/restos" de "já ditos" que se articulam de modo peculiar, compondo um tecido esgarçado e sem fecho. O que a criança diz guarda sua relação com um "já dito" e dito "de um certo modo". Modo mesmo de "captura"²² de seu dizer por um funcionamento lingüístico-discursivo. Nessas composições singulares vê-se também o "trabalho da letra" (Pêcheux, 1990: 43), particularmente na "falta de clareza" ou de "inteligibilidade". Se fragmentos de "já ditos" circulam na voz

²⁰ Anotação de curso oferecido no IEL, UNICAMP (1994).

²¹ Sigo a releitura de Jakobson e Saussure feita por Cláudia de Lemos (1992).

²² Expressão de C. de Lemos.

da criança, atestando a relação de seu dizer com o interdiscurso (esse "sempre-já-aí"), neles operará a língua.

Quando uma cadeia é interrompida, sobram dela **resíduos** que trarão de volta redes de relações outras. Ora, o significante circula por muitos lugares, freqüenta muitos discursos. Amputado, ele convocará redes diversas em que foi fixado, fragmentos de textos múltiplos em que circulou ou, então, segmentos desordenados de uma mesma dimensão discursiva. Esses cruzamentos transgressivos abalam a unidade do texto, geram dispersão.²³

Se de um lado **fragmentos cristalizados** de dizeres outros deixam ver a presença de um "já dito de certo modo", de restos textuais que se sucedem metonimicamente na produção monológica da criança, de outro lado, os "erros", as seqüências de repetições com diferença (que também ocorrem) mostram outra coisa, mostram a língua operando sobre essa materialidade historicamente constituída. É que, como diz Benveniste "... a língua em seu funcionamento, não conhece qualquer referência histórica" (1989:32). Funcionamento que, ao descongelar fragmentos, burla a sintaxe e embaralha o sentido. Mais uma vez língua e discurso parecem implicar-se mutuamente. Onde a língua faz buraco o texto falha, o sentido se perde ou confunde.

Quando a língua faz parar, pode observar dois acontecimentos: um que corresponde a seqüências de substituições: efeitos característicos do movimento da projeção e dominância do eixo metafórico sobre o metonímico. Movimento que denominei, a partir das relações "in absentia" de Saussure, de *pré-metafórico* ou *metonimicamente metafórico*, uma vez que elementos concretos são postos em relação de substitutibilidade ainda "in praesentia". Movimento da língua sobre o texto que promove efeito de dispersão.²⁴ Nessas repetições com diferença o que sucede um elemento fixado são restos metonímicos que guardam relação textual²⁵ (ver monólogo de Anthony em anexo). Essa interpretação alternativa é parte da que ofereci para ocorrências analisadas como "language practice" ou exercícios conscientes com a linguagem.

Contudo, o efeito de dispersão provocado pela dominância do eixo metafórico sobre o metonímico é mais amplo. Refiro-me ao segundo tipo de acontecimento em que os elementos fixados não se abrem a seqüências de repetições com diferença. Acontecimento que correrá por conta de uma "evasão metonímica" (Jakobson, 1954). Nesse caso, os fragmentos fixados invocam outros com os quais se compuseram colocando-os em contigüida-

²³ Ver Orlandi, E. & Guimarães, E. (1988) "Unidade e Dispersão: uma Questão do Texto e do Sujeito", em *Sujeito e Texto*. São Paulo, S.P.: EDUC (Editora da PUC-SP).

²⁴ Expressão de Eni Orlandi (1988).

²⁵ Segundo C. de Lemos (1992: 131), os enunciados da criança guardam entre si relação textual porque decorrem "de textos nos quais o adulto interpreta os comportamentos da criança dentro de um domínio discursivo particular".

de, lado a lado. Quando a língua faz parar, o fragmento fixado se abre, então, numa pluralidade de direções inesperadas. Mas note-se não é qualquer coisa que segue qualquer coisa, elas guardam relação com um "já dito" (ver monólogo de Emily em anexo). Ambos os acontecimentos perturbam o sentido, mostrando o entrelaçamento entre língua e discurso no dizer de uma criança que não pode dar conta seja da "clareza", seja da "inteligibilidade" do que diz.

O que pude observar nos monólogos foi que na ausência da palavra estruturante do outro, daquele que aprisiona vocalizações e fragmentos da criança em redes de relações e de sentido, a criança fica "em descontrole" do que diz: **fragmentos de textos circulam em sua voz e sobre eles começa a operar a língua**. É o Outro que começa a se movimentar nos restos textuais que se presentificam no dizer da criança. Importa assinalar que ela parece não ficar ainda sob efeito do que diz. Não se observam "autocorreções" ou reformulações, por exemplo, o que poderia indicar que a criança "escuta" o que diz. Ela não parece ainda "estranhar" seu dizer (expressões de Cláudia Lemos).²⁶

Chamo atenção para a importância do diálogo. A partir dele, os monólogos tornam-se proposições problemáticas, tornam-se tema de reflexão e deixam de ser meramente um **corpus** a mais à mercê da aplicação de um instrumental descritivo que os esfacela e descaracteriza. Implicando o diálogo, pode-se dizer que nos monólogos um funcionamento começa a operar sobre restos de um "já dito" que irrompe na voz da criança.

Tendo em vista a determinação dialógica dos monólogos é que considere necessário implicar o que tradicionalmente tem sido excluído da análise, ou seja, "erros", fragmentos incompletos e imitações. Isso porque eles parecem se prestar especialmente para o apagamento do traço que cinde e isola língua e discurso. Eles dão a ver no efeito de desordem que sua presença promove o entrelaçamento entre língua e discurso. As questões que levanto põem em tela de discussão o que se disse dos monólogos e o tratamento que a eles foi dispensado.

O que procurei problematizar traz à cena a relação língua-discurso. Em resumo, gostaria de por em relevo os resultados da leitura que ofereci para os monólogos. Ela opõe-se (1) ao procedimento de aplicação que reduz os monólogos a um **corpus**, (2) recusa também as análises conteudísticas que remetem a questão da significação para fora do lingüístico. Pode observar nos monólogos o movimento da linguagem sobre a linguagem, movimento que parece responder pela produção/destruição do sentido.

²⁶ Cláudia Lemos assinala a importância desse momento. Momento em que, como diz, a criança assume a "função do outro", em que passa de interpretada a intérprete. É nesse ponto que ela pode estranhar o que diz. Em comunicação apresentada no *Simpósio de Aquisição da Linguagem na UNICAMP*, em 1993, sob o título "Sobre a Interpretação" (no prelo), toco brevemente nessa questão.

Pude ver que o significado é tecido nas articulações entre significantes ao longo da trama do texto. Observei, além disso, (3) "o funcionamento da língua" operando sobre "formas e substâncias", sobre um "já dito" que se oferece ao "trabalho da letra", como diz Pêcheux, depois de Lacan. Observação que me levou a recusar a teleologia desenvolvimentista língua --- >> discurso e concluir pela idéia de solidariedade entre esses funcionamentos. Por fim, (4) a desordem ou a alegada "falta de clareza" dos monólogos mostrou-me um sujeito "fora do controle", um sujeito assujeitado ao funcionamento da língua e às palavras do outro, a um funcionamento lingüístico-discursivo, como diz Cláudia Lemos.

Não quero dizer com isso que eu tenha feito mais que reconhecer a complexidade que se abriga sob esses termos. De todo modo, o atalho que tomei parece sinalizar uma necessidade que é a do enfrentamento das questões que advêm desse reconhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, L. (1994) "O Fonoaudiólogo, esse Aprendiz de Feiticeiro" em Maria Francisca Lier-De Vitto (org) *Fonoaudiologia: no Sentido da Linguagem*. São Paulo, SP: Editora Cortez.
- CHOMSKY, N. (1959) "Review of Verbal Behavior, by B. F. Skinner", em *Language*, 35 (26: 58).
- FODOR, J. (1979) "Fixação de Crenças e Aquisição de Conceitos", em *Teorias de Linguagem, Teorias de Aprendizagem*. São Paulo, SP: Editora Cultrix.
- GERHARDT, J. (1989) "Monologue as a Speech Genre", em K. Nelson (ed.) *Narratives from the Crib*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- JAKOBSON R. (1954) "Dois Aspectos da Linguagem e Dois tipos de Afasia", *Lingüística e Comunicação*. São Paulo, SP: Cultrix (1969).
- KOSTENBAUM, A. (1993) *Sobre a Narrativa do Sonho*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- KUCZAJ, S. (1983) *Crib Speech and Language Play*. Nova York: Springer-Verlag.
- LEMOS, C. (1982) "Sobre Aquisição da Linguagem e seu Dilema (Pecado) Original". *Boletim da ABRALIN*, 3 (97:126). Recife, PE.: Ed. da Universidade Estadual de Pernambuco.
- _____. (1986) "Interacionismo e Aquisição da Linguagem", em *Revista DELTA*, 2 (231:248). São Paulo, SP: Editora da PUC-SP.
- _____. (1992) "Processos Metafóricos y Metonímicos como Mecanismos de Cambio", em *Substratum*, 1 (121:129).
- _____. (no prelo) "A Noção de Desenvolvimento como Obstáculo ao Estudo da Aquisição da Linguagem". Mesa Redonda no Fórum Inter-GTs no IX Encontro da ANPOLL.
- LIER-DE VITTO (no prelo) "Sobre a Interpretação" em *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. UNICAMP.
- _____. (1994) *Os Monólogos da Criança: Delírios da Língua*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- NELSON, K (1989) "Monologue as Representation of Real-Life Experience", em K. Nelson (ed) *Narratives from the Crib*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

- ORLANDI, E & GUIMARÃES, E. (1988) "Unidade e Dispersão": uma Questão do Texto e do Sujeito" em *Sujeito e Texto*. São Paulo, SP: EDUC.
- PAYER, M. O. (1992) *Reprodução, Confrontos e Deslocamentos de Sentidos. A Prática Discursiva da Educação Popular no Meio Rural*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.
- PÊCHUEX, M. (1975) *Semântica e Discurso: uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP (1988).
- _____. (1975b) "A Propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectiva", em F. Gadet, T. Hak (orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP (1990).
- WEIR, R. (1962) *Language in the Crib*. The Hague, Holanda: Mouton & Co.

ANEXO

Anthony (2 anos e meio)

- 1- What color
- 2- What color blanket
- 3- What color mop
- 4- What color glass
-
- 5- It's not black
- 6- It's yellow
- 7- not yellow
- 8- red
- 9- Put on a blanket!

Nas seqüências de substituições nas produções monológicas de Anthony, observe-se que as relações paradigmáticas (segundo designação de Saussure) ocorrem ainda **in praesentia**. Elas parecem falar a favor de que relações entre elementos concretos antecipam as relações de elementos concretos **in absentia** (e contra a hipótese de substituição categorial). Por essa razão digo que esse tipo de acontecimento corresponde a **operações pré-metáforicas**. Note-se que um fragmento discursivamente fixado - "What color" - convoca elementos dispares: "blanket", "mop", "glass" (seqüências de (2) a (4)). Em torno dele alinhava-se o tecido desse segmento monológico. "What color" invoca também restos metonímicos da situação dialógica a que remete. Observe-se que as seqüências de (5) a (8) são "respostas" possíveis a "What color".

Chamo atenção para o fato de que esses fragmentos guardam entre si relação textual e mostram que o que se consolidou no diálogo retorna metonimicamente na voz da criança deixando ver o seu modo de circulação, o modo pelo qual foram sendo colocados em redes de memória e de sentido. O que está em causa nesse "retorno" é a repetição (com diferença) de dizeres outros, de "já ditos". Entende-se porque esses fragmentos se apre-

sentam como séries apenas aparentemente desconexas. O que dizer de (9) "Put on a blanket!" que causa estranheza maior? Ele se interpõe nessa seqüência sem que se possa reconhecer com clareza sua filiação discursiva. Eu diria, contudo, que "blanket" convoca esse fragmento "em bloco", redirecionando o segmento monológico e mostrando sua pertinência a uma pluralidade de filiações discursivas.

Emily (2 anos e meio)

- 1- Maybe when my go come
- 2- Maybe my go in there 's blue big car
- 3- Maybe maybe when Carl come (again)
- 4- Then go to back home
- 5- go peabody
- 6- Carl sleeping
- 7- not right now - the baby coming
- 8- And Carl coming
- 9- My house
- 10- Aaaaaaaaaand Emmy Emmy ((everything)) coming
- 11- After my nap
- 12- Not right now - cause the baby coming now
-
- 13- When Emmy wake up
- 14- Emmy has - has something on my face

Nos monólogos dessa criança não se observam seqüências de substituições. Aqui, onde a língua faz parar, fragmentos convocam segmentos bem ao modo de uma "evasão metonímica" (Jakobson, 1954).²⁷ Podemos dizer que a seqüência inicial "Maybe when my go come" contém os fragmentos em torno dos quais, ou a partir dos quais, o discurso será tecido. "Maybe", "when", "go", "come" serão elementos muitas vezes repetidos, são ganchos, pontos de ancoragem e deriva: pontos de retorno que amarram os muitos pontos de fuga do monólogo. Vê-se que nele, diferentemente do de Anthony, predominam as relações sintagmáticas, de contiguidade (nos termos de Saussure).

²⁷ Jakobson, R. (1954) "Dois Aspectos da Linguagem e Dois Tipos de Afasia", em *Linguística e Comunicação*. São Paulo, SP.: Cultrix (1969).